VI CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2019

A PRÁXIS DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Apresentação: Comunicação Oral

Leylanne Dias do Nascimento¹; Mirtes Ribeiro de Lira²

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VICOINTERPDVL.2019.0029>

Resumo

O livro didático sempre fez parte do cenário educacional, especificamente, na prática pedagógica do professor em sala de aula. A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre o uso do livro didático no ensino da Geografia. Nesse sentido, propomos responder as seguintes questões norteadoras da pesquisa: De que forma o livro didático é explorado pelo professor no ensino de Geografia? Até que ponto a prática pedagógica do professor de Geografia vai além do uso do livro didático? Apresentamos os dados que foram coletados em uma turma de 6º ano de uma escola da rede pública do município de Buenos Aires - PE, a partir das observações participantes das aulas sobre o conteúdo “Movimentos terrestres e suas consequências para o ser humano”, aplicação de um questionário destinado ao professor da respectiva turma e análise do livro - Geografia de Helio Garcia e Paulo Roberto Moraes - IBEP. Durante a prática pedagógica da professora ao utilizar o livro didático em sala de aula, observamos que algumas ações estavam permeadas por uma das funções do livro didático, ou seja, transmitir conhecimentos científicos cotidiano da sala de aula. Contudo, nesta pesquisa, destacamos a importância do livro didático no cotidiano da sala de aula e a como um caminho para o diálogo mediando o ensino de Geografia.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia, Livro didático, Prática pedagógica,

Resumen

El libro de texto siempre ha sido parte del escenario educativo, específicamente en la práctica pedagógica del maestro en el aula. Esta investigación tiene como objetivo discutir sobre el uso de libros de texto en la enseñanza de la geografía. En este sentido, proponemos responder las siguientes preguntas orientadoras de investigación: ¿Cómo explora el maestro el libro de texto en la enseñanza de la geografía? ¿En qué medida la práctica pedagógica del profesor de geografía va más allá del uso del libro de texto? Presentamos los datos recopilados en una clase de 6to grado de una escuela pública de la ciudad de Buenos Aires - PE, a partir de las

¹ Geografia, Universidade de Pernambuco, leylannedias@gmail.com

² Pedagogia, Universidade de Pernambuco, mirtes.lira@upe.br

observaciones de las conferencias sobre el contenido "Movimientos terrestres y sus consecuencias para el ser humano", aplicación de un cuestionario para el profesor de la clase respectiva y análisis del libro - Geografía de Helio García y Paulo Roberto Moraes - IBEP. Durante la práctica pedagógica del maestro al usar el libro de texto en el aula, observamos que algunas de las acciones estaban impregnadas por una de las funciones del libro de texto, es decir, transmitir el conocimiento científico diario del aula. Sin embargo, en esta investigación, destacamos la importancia del libro de texto en la vida diaria del aula y como una forma de diálogo que media la enseñanza de la geografía.

Palabras-Clave: Enseñanza de geografía, Libro de texto, Práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

O livro didático há muito se constituiu em objeto de estudo, cuja ênfase recai sobre a prática pedagógica do professor em sala de aula. Trata-se de um recurso didático que desempenha diferentes funções, conforme quem o utiliza.

Embora, também se reconheça que o livro não seja o único veículo de ensino, de fato o livro didático é considerado por muitos docentes como o principal instrumento pedagógico e que muitas vezes direciona fortemente a ação do professor.

Contudo, entendemos que o uso do livro didático em sala de aula varia conforme os diferentes contextos e formas de utilização pelo professor como pelo aluno. Nesse sentido, Richaudeau (1979), Gérard e Roegiers (1998) e Choppin (2004) em seus estudos sobre livro didático destacam algumas funções do livro didático utilizado na escola. Embora, essas funções tenham denominações diferentes entre os autores elas apresentam pontos semelhantes.

Para Richaudeau (1979) o livro didático tem a função de transmitir informação, estruturar e organizar a aprendizagem do aluno para a apreensão do mundo exterior. A função de transmissão também é defendida por Gérard e Roegiers (1998), quando ele afirma que o livro didático oferece à comunidade escolar os conhecimentos específicos e didatizados de cada área do conhecimento. Esses dois autores supracitados destacam a funcionalidade do livro didático situando o professor e o aluno nessa prática. Quanto ao aluno, segundo os autores as funções estão diretamente relacionadas com as aprendizagens que ocorrem no cotidiano escolar e fora dele. Quanto ao professor, são destacadas as funções de informação científica e geral, de formação pedagógica ligada à disciplina (formação continuada), de auxílio nas aprendizagens e na gestão das aulas (atividades) e de ajuda na avaliação das aquisições dos alunos (GÉRARD e ROEGIERS, 1998).

As funções do livro didático propostas por Choppin (2004) traz aspectos semelhantes dos autores supracitados, porém ele destaca que elas podem sofrer significativas variações, dependendo do ambiente sociocultural, da época, das disciplinas, dos níveis de ensino, dos métodos das formas de utilização: (1) referencial ou curricular; (2) instrumental; (3) ideológica e cultural e (4) documental. Vale destacar que a função referencial defendida por Chopin muito se assemelha com a função de transmissão de Richaudeau (1997).

Sendo assim, independente da denominação dada pelos autores quanto a funcionalidade do livro didático, cabe ao livro didático o papel de suporte ao conteúdo a ser mediado pelo professor em sala de aula.

Portanto, o referido estudo voltado para a área de conhecimento de Geografia tem como finalidade discutir sobre a prática pedagógica do professor na utilização do livro didático em sala de aula.

ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao situar a Geografia e analisar a evolução da mesma, podemos observar que é uma ciência relativamente recente – mesmo tratando de indícios de uso de temas geográficos antes da idade média – ainda há dificuldades na definição do campo de domínio de estudo.

Os estudos e bases da disciplina foram unificados nos paradigmas de estudos alemães e franceses, e posteriormente das primeiras escolas de debates da Geografia como ciência, e no decorrer do tempo, firmou-se como ciência autônoma com seu objeto de estudo como as relações do homem e espaço (MORAES, 1994).

Conforme Amorim (2009), o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência deu-se a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos alemães Ratzel, Ritter e Humboldt e dos franceses Eliseé Reclus e Vidal de La Blache. A escola alemã era fundamentada, por um lado, na corrente filosófica determinista que defendia a subserviência do homem sobre o meio e por outro lado, a escola francesa estava baseada no possibilismo em contraposição aos ideais alemães.

Quanto ao ensino da Geografia como ciência no Brasil, a mesma começou nas Universidades do Sudeste (com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Universidade de São Paulo – USP) na década de 30, através do professor francês Pierre Deffontaine. Conforme Ferreira (1998), para Deffontaine, enquanto intelectual e militante

católico, além de ensinar e orientar pesquisas acadêmicas seria fundamental também o processo de formação de futuros professores articulado à formação de futuros pesquisadores, geógrafos exploradores, de um Brasil muito pouco estudado pelos próprios brasileiros.

Contudo, Amorim (2009) ressalta que o Movimento de Renovação da Geografia no final da década de 1970 é considerado como marco inicial no Brasil, das inovações nos processos metodológicos da Geografia escolar.

Para Cavalcanti (2012), a Geografia escolar refere-se ao conhecimento geográfico ensinado, trabalhado em sala de aula, de modo que constitui uma referência fundamental à Geografia acadêmica. E a Geografia acadêmica, por sua vez, que garante a legitimidade da Geografia escolar, pois os cursos de formação acadêmica são orientados nesse sentido.

Conforme Menezes (2015), embora a memorização, a descrição dos fenômenos e a compartimentação da Geografia ainda caracteriza o ensino desta disciplina em muitas escolas brasileiras atualmente, não se pode negar que se vive outro contexto e outra realidade social que exige do professor uma postura aberta e crítica. Por isso, construiu-se um movimento de renovação com o intento de superar a perspectiva tradicional da Geografia, dando destaque ao que conhecemos como Geografia Crítica, sendo crucial para o trabalho do professor em classe, se o intento é discutir o mundo global em conjunto aos alunos.

Sendo assim, na mediação de discussão deste trabalho, é interessante frisar que a Geografia tradicional foi inserida diretamente nos livros didáticos que serviam de apoio ao professor, expressa através da clássica divisão Natureza-Homem-Economia (N-H-E)

Defende-se a ideia de que o estranhamento entre estes espaços no contexto hodierno constitui uma das principais causas do desenvolvimento de um ensino de Geografia predominantemente reprodutivista, conteudista e desinteressante. Parte-se do princípio de que os cursos de formação docente possuem significativa importância ao preparar os professores que assumirão as salas de aula na educação básica. Apesar do processo de renovação da Geografia ter sido desenvolvido no interior dos cursos universitários, a maioria dos professores formados nos mesmos não incorporou a orientação teórico-metodológica da Geografia Crítica no seu fazer pedagógico.

Assim, podemos analisar o papel do professor enquanto mediador da aprendizagem do aluno a partir do livro didático e sua concepção a o ensino da Geografia escolar.

O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Sabe-se que um dos materiais didáticos que está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da Geografia na escola é o livro didático, que em muitos casos foi e é o orientador das aulas de Geografia. Porém, várias são as críticas levantadas às relações de ensino e aprendizagem direcionadas à utilização restrita do livro didático na escola.

Desse modo, o professor e o livro didático são elementos importantes no processo de aprendizagem do aluno: o professor por ser ele quem oportuniza diferentes situações de ensino-aprendizagem, é o sujeito que direciona a aprendizagem; e o livro didático é importante por ser um dos materiais mais utilizados na sala de aula.

É válido salientar que o livro didático de Geografia sofreu transformações significativas quanto a sua produção em decorrência da evolução da ciência geográfica. A princípio, com a Geografia Tradicional, o material didático era baseado em métodos comparativos, em que os conteúdos eram fundamentados na relação *homem-natureza*. Vesentini (1992, p.40) afirma que essa produção didática não se aplicava a realidade dos alunos, tendo como função apenas “seguir o programa oficial”. Assim, os livros didáticos produzidos neste período não se preocupavam em desenvolver a criticidade dos alunos sobre o espaço geográfico, à medida que trabalhava conceitos prontos fazendo com que a Geografia fosse vista como uma ciência de memorização.

Com os avanços na Geografia e o surgimento de uma influência crítica nos estudos geográficos posterior a Ditadura Militar no Brasil, o livro didático de Geografia passou por modificações na sua estrutura. Segundo Vicentini et al (1989) a partir daí ocorreu uma renovação nos livros didáticos de Geografia, apresentando-se de forma mais crítica e inovadora. Assim, os livros didáticos de Geografia além de mencionar aspectos físicos como a vegetação, clima, relevo, passaram a abordar temas referentes à sociedade como todo, como a cultura, economia, distribuição da população e de renda etc, onde o ser humano é visto como agente transformador, e assim, estimulando a capacidade crítica dos alunos, uma vez que essas temáticas levam a reflexão sobre o espaço em que estão inseridos.

Outra mudança significativa nos livros didáticos de Geografia foi a implantação de normas gerais para a escolha dessa ferramenta pelo maior comprador de livros didáticos do país: o Governo Federal. Assim, segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) as editoras e autores procuraram ser mais cuidadosos na fabricação dos livros didáticos e atender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com isso, houve uma melhoria na editoração do livro didático, uma vez que o governo federal estimula a competitividade das editoras que começaram a investir na qualidade dos seus materiais para gerar maior lucro para a empresa.

Arelado a isso, é importante que o professor veja o livro didático como ponto importante da construção do saber sócio-educacional dele e do aluno e ao mesmo tempo entenda o livro como material essencial na prática pedagógica em sala de aula. De acordo com Castellar e Vilhena (2011, p.138) “ [...] O livro didático deveria ser um ponto de apoio da aula para que o professor pudesse, a partir dele, ampliar os conteúdos”. Dessa forma, é necessária a atuação do professor como mediador para ministrar o uso de forma apropriada para melhor se ter a compreensão dos conteúdos, estabelecendo mudanças no ensino, e que sejam avaliadas pelos alunos com discussões, críticas, que eles possam crescer produzir e usar dos bens culturais, sociais e econômicos tornando cidadãos modificadores na sociedade.

Ao situar a Geografia, Cavalcanti (2012) assinala que, atualmente, a Geografia na escola se presta a propiciar ao aluno a construção de conhecimento peço viés da espacialidade das coisas, fenômenos, objetos e pessoas, buscando sempre a efetivação de raciocínios espaciais. Por isso, é essencial o entendimento sobre como o livro didático tem sido pensado para a educação escolar brasileira e, nesse sentido, como a Geografia é trazida pelos livros didáticos.

Contudo, as pesquisas acerca dos livros escolares não são recentes, embora as tenham como objeto de estudo seja relativamente recente na Geografia, o que justifica o pequeno número de publicações no mercado sobre o tema e um número reduzido de pesquisas sobre essa questão (ALBUQUERQUE, 2004).

Portanto, torna-se imperativo um trabalho de sensibilização e de demonstração da importância da escolha dos livros didáticos. Todavia, o debruçar dos professores sobre os livros para reconhecimento de suas potencialidades é imprescindível, para entender que este recurso atua como um instrumento mediador entre o professor e o ensino.

A Geografia Escolar possui uma história que está atrelada à própria historiografia da Geografia, esta entendida como campo de conhecimento que se constituiu como ciência e

disciplina escolar. Porém, ao longo da história se mostrou como uma disciplina desinteressada e desinteressante, uma vez que abordava os conteúdos de forma fragmentada e descontextualizada. Exigia somente a memorização dos estudantes, uma vez que não os provocava à reflexão.

O ensino da Geografia é construtor de consciência cidadã, e que esta ciência traz do espaço natural relacionado à inferência do ser humano, tornando o estudante capaz de fazer uma leitura analítica e crítica sobre a realidade que o cerca. Para tanto se tem a relação do meio físico com o ser humano.

A Geografia que se ensina busca sua sustentação na Geografia Ciência, portanto, a atuação na educação básica deve ser na perspectiva da construção de uma abordagem totalizante, na busca de que os alunos aprendam as especificidades dos diversos lugares, diante de suas diversidades naturais e sociais, ou seja, em uma dimensão (FERNANDES, 2011, p. 44).

Ao considerarmos que os livros didáticos produzidos, seguem as normativas presentes do PNLD e que este de uma maneira ou de outra está conectado às propostas evidenciadas nos PCNs, pode-se dizer, então, que o livro didático é uma materialização do currículo nacionalmente instituído, assentado em um determinado discurso de classe.

Dessa maneira, o livro foi dividido em aspectos físicos, humanos, econômicos e, por vezes, também aspectos geopolíticos, o que constrói uma visão fragmentada da realidade. Consequentemente, o trabalho do professor era influenciado por estas orientações presentes nos livros didáticos, acarretando em um ensino de uma Geografia compartimentada.

Por fim, este estudo tem como questões norteadoras: De que forma o livro didático é explorado pelo professor no ensino de Geografia? Até que ponto a prática pedagógica do professor de Geografia vai além do uso do livro didático?

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que teve como finalidade conhecer a prática pedagógica do professor no processo de ensino aprendizagem a partir do livro didático.

Como estratégia metodológica, tratou-se de um Estudo de caso, por considerar mais adequado para a realização desta pesquisa. Isto porque o Estudo de caso tem como finalidade retratar uma "unidade em ação". Para estabelecer essa unidade e estudá-la em sua complexidade, é preciso limitá-la, sem que isso implique na desconsideração de que esta se encontra imbricada num universo mais amplo (LÜDKE; ANDRÉ, 2000).

Os procedimentos para o reconhecimento dos dados foram: análise do livro didático, observação participante e aplicação de questionário para o professor. A observação participante foi escolhida por permitir uma aproximação através do contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado e, assim, pôde-se lançar mão dos "conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado" (LÜDKE; ANDRÉ, 2000, p.26).

Participaram da pesquisa o professor de Geografia e sua turma do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Buenos Aires - PE.

Assim a coleta de foi realizada em três etapas: (1) análise do livro didático – Geografia de Helio Garcia e Paulo Roberto Moraes, IBEP, especificamente o conteúdo sobre Movimentos Terrestres e Consequências para os Seres Humanos; (2) observação participante das aulas sobre o conteúdo a ser analisado no livro; e (3) aplicação do questionário ao professor de Geografia que teve como finalidade analisar a concepção do ensino de Geografia e o uso do livro didático na prática pedagógica do professor.

É importante ressaltar ainda, que, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco, e obedeceu aos requisitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme Rojo (2005) a utilização do livro didático em sala pressupõe no mínimo a existência de três tipos de relações entre: (a) o professor e estudantes que o utilizam; (2) os métodos e conteúdos, nesse caso estabelecem uma relação tríade professor-metodologia-estudantes; (3) e do contexto social inserido o ambiente escolar. Estes elementos interligados foram o foco desta pesquisa que busca refletir sobre a utilização do livro didático pelo professor no contexto da sala de aula ao desenvolver o conteúdo de Geografia.

Desse modo, foi observado o modo de utilização do livro didático em sala de aula pela professora e pelos estudantes e a inter-relação de ambos com este recurso didático no conteúdo de Geografia. Esta análise irá se concentrar numa turma do 6º ano do Ensino Fundamental, que teve como professora, formada em licenciatura em Geografia pela Universidade de Pernambuco com dois anos de atuação no Ensino Fundamental.

Para fins de análises, as aulas observadas foram transcritas em episódios conforme as situações que eram emergidas durante o desenvolvimento das aulas, por exemplo: entrada da professora em sala, introdução do conteúdo, interrupção da aula, montagem de recursos didáticos, desenvolvimento do conteúdo, leituras, realização de atividades, finalização da aula.

Cada aula observada foi dividida em média em 08 episódios. Assim, a partir dos episódios, organizamos as análises em 05 situações: (1) identificação dos conteúdos trabalhados em sala de aula a partir do livro didático; (2) temáticas como formas de enriquecimento do conteúdo; (3) atividades realizadas em sala de aula utilizando o livro didático; (4) referência do professor ao livro didático durante o desenvolvimento das aulas; (5) prática docente a partir da utilização do livro didático.

Neste contexto, ressaltamos que na análise das aulas observadas também foram inseridas as respostas do questionário realizado com a professora que envolveu dois aspectos: o ensino da geografia e o uso do livro didático durante as aulas.

Assim, a primeira situação analisada foi sobre os conteúdos desenvolvidos na sala de aula constavam no livro didático utilizado. Neste item, observou-se que todos os tópicos descritos no Capítulo do livro foram desenvolvidos pela professora, não apenas utilizando do livro didático, mas também de outros recursos, como slides e filme sobre determinada temática. Isso demonstra que o livro didático como recurso didático auxilia na construção das explicações do professor e serve de apoio e referência para os estudantes.

Um ponto interessante que encontramos ao analisar as aulas é que embora a professora tenha focado os conteúdos presentes no livro didático ela inseriu várias temáticas, analogias e exemplos como complemento da sua explicação dos conteúdos, segue algumas demonstrações: a estrela que guiou os “Três Reis Magos” ao tratar os Movimentos da Terra; utiliza a “divisão da laranja” ao meio horizontalmente e verticalmente para tratar sobre os paralelos e meridianos; quando se fala “de acordo com o horário de Brasília” ao abordar o fuso horário; hibernação dos animais ao discutir sobre as estações do ano, entre outras.

Isso significa que a professora consegue transcender o uso do livro didático, demonstrando domínio do conteúdo e amplitude de conhecimentos, e facilitando a compreensão dos estudantes trazendo analogias e exemplificando.

Em relação às atividades realizadas em sala, destacamos que no conteúdo tratado sobre Coordenadas Geográficas, a atividade é referente à localização, onde deve-se determinar os pontos a serem localizados. No conteúdo que tratou sobre o “uso Horário” a professora realiza duas atividades nas quais solicita aos estudantes fazerem um planisfério nos seus cadernos e a segunda ela entrega uma atividade já elaborada para os estudantes responderem em dupla. E na última aula que foi denominada de revisão do conteúdo os alunos realizaram uma atividade impressa trazida pela professora, mas para isso ela solicita que os estudantes abram o livro e que leiam da página 61 a 63 que trata sobre as “Estações do ano” para poderem responder a atividade solicitada.

Em relação a esse aspecto, nenhuma atividade descrita no livro didático foi realizada pela professora. Vale destacar, ao analisar as atividades propostas pelo livro didático, que tratam de questões com perguntas objetivas, questões problematizadoras e questões que é necessário trabalhar com mapa. Além de que conforme o relato da professora participante, as atividades do livro didático não são trabalhadas em sala de aula se deve a quatro motivos: (1) é pelo fato de serem acompanhadas de textos que ocupariam muito tempo da aula para serem lidos; (2) são difíceis de se trabalhar como acontece as atividades referentes ao Meridiano de Greenwich sobre as mudanças no relógio biológico devido ao horário de verão; (3) as atividades do final de cada capítulo reúnem todos os conteúdos, o que só pode ser trabalhado ao final da explicação de todo conteúdo e (4) algumas atividades solicitam a utilização materiais não disponível na escola, como por exemplo o “Atlas”.

Embora, todos os conteúdos desenvolvidos pela professora estivessem presentes no livro didático, ele foi referenciado durante as aulas 08 vezes, nas seguintes situações: 02 vezes durante o desenvolvimento do conteúdo quando pede que os alunos abram na página 49 e 50 durante a apresentação de slides; 04 vezes a partir da explicação do conteúdo sobre “Fuso Horário”, ao tratar especificamente sobre o planisfério, fuso horário no Brasil e horário verão; 01 vez no conteúdo estações do ano, ao referenciar sobre o posicionamento do Sol durante o ano e 01 vez na aula de revisão, para os estudantes fazerem uma leitura sobre as Estações do ano para realizarem uma atividade em sala.

Não estamos aqui em valorizar o quantitativo de vezes que a professora fez referência ao uso do livro didático em sala de aula, mas demonstrar os momentos propícios e a sua efetividade para a compreensão dos conteúdos pelos estudantes. O que destacamos aqui, que os estudantes estavam com o livro didático em sala de aula e que nos momentos propícios a professora reporta a ele, solicitando aos estudantes a abrir nas páginas solicitadas. Um outro fato a destacar é que os conteúdos trabalhados pela professora teve a mesma sequência apresentado no livro didático com exceção do conteúdo “Horário de Verão” que foi antecipado por conta do conteúdo “Fuso horário”. Isso demonstra que a professora utiliza o livro didático de acordo com o planejamento de suas aulas.

Deixando por último a análise da prática docente ao utilizar o livro didático, observamos que foi permeada por uma autonomia e competência da professora durante todo o desenvolvimento do conteúdo que foi explorado. Embora o livro didático pudesse ter sido mais explorado quanto à leitura e pesquisa, a professora optou por outros recursos didáticos, como por exemplo, a apresentação de slides, filme que também foram válidos e trabalhados condizentes com o conteúdo.

Entretanto, o livro didático traz no final do Capítulo pequenos textos bastante atualizados que poderia ter sido explorado como forma de ampliar os conhecimentos dos estudantes. Uma grande ressalva quanto a esse aspecto, é que geralmente os textos complementares apresentados no livro didático são poucos ou não são explorados de forma devida. A que deve a isso? Trabalhar com esses textos demandaria mais tempo em sala de aula? Tratam de temática em que o professor teria que ter mais apropriação? Essas e outras questões poderiam tornar como objeto de estudo para outras pesquisas que merecem ser investigadas.

CONCLUSÕES

Com base no que foi apresentado e proposto neste artigo, entende-se que é de grande valia discutir sobre a prática do professor na utilização do livro didático em sala de aula. Entendemos que a forma de como ele é utilizado pelo professor favorece não só aprendizagem dos estudantes como também valoriza o livro como instrumento mediador na construção do conhecimento.

Durante a prática pedagógica da professora ao utilizar o livro didático em sala de aula, observamos que algumas ações estavam permeadas por uma das funções do livro didático, ou seja, transmitir conhecimentos científicos cotidiano da sala de aula

Todavia, é necessário sempre um olhar crítico e atento ao livro, não no sentido de diminuir sua importância, mas no sentido de reconhecer suas limitações, lacunas e falhas. E que o professor deva estar atento todas as possibilidades do uso do livro didático como também na utilização de outras fontes de conhecimentos.

É função primordial de o professor utilizar o livro didático adequando-o às necessidades que percebe em sala de aula, para que não se reproduza mecanicamente os conteúdos em sua proposta. Não se tem a pretensão de afirmar que todos os pontos de discussão apresentados neste trabalho foram abarcados em sua totalidade, quanto ao uso do livro didático. Mas, sim destacar os esforços empreendidos no sentido de destacar a importância do uso do livro didático pelo professor com significado científico e social pertinentes a uma produção científica.

Conclui-se que o livro didático, mais que um mero apoio aos processos de ensino e aprendizagem de uma área de conhecimento, também molda a prática pedagógica do professor, indicando a forma que o mesmo pode se posicionar sobre o ensino desejado.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. **Lugar:** Conceito geográfico nos currículos pré-ativos—relação entre saber acadêmico e saber escolar. Tese (doutorado em Geografia). São Paulo: USP, 2004.
- BARBOSA, M E. S. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. **Revista de ensino de geografia**. Uberlândia, v.7, n.12, p. 82-113, jan/jun. 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação Geográfica Reflexão e Prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2012.
- CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas:** sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p.549-566, set./dez. 2004.
- DANTAS, Aldo, HORTÊNCIA, Tásia. **Introdução à ciência Geográfica**. 2 ed.— Natal: EDUFNR, 2011. 210p.
- D'ÁVILA, Cristina. **Decifra-me ou te devorarei:** o que pode o professor frente ao livro didático? Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.
- DRESCH, J. Reflexões sobre a Geografia. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 1, p. 207-214, mês. 2016. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/114858>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

FERNANDES, M. L. B. Estudo do meio e o ensino de geografia. **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica, Número Especial EGAL, pp. 1-19. 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

GARCIA, Helio; MORAES, Paulo Roberto. **Geografia 6º**. 1 ed. São Paulo: IBEP, 2015.

GAUTHIER, Clermont et alii. **Por uma teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 2. ed. Trad. Francisco Pereira. Coleção fronteiras da educação. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

GÉRARD, F. M& ROEGIER, X. **Conceber e avaliar manuais escolares**. Porto: Porto Editora. 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Coleção temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 2002.

MENEZES, V. S. **A historiografia da Geografia acadêmica e escolar**: uma relação de encontros e desencontros. Geographia Meridionalis , 2015.

MORAES, Ant. Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1994.

NASCIMENTO, G. G de O. **O livro didático no ensino de biologia**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2002.

OLIVEIRA, M. M. de. A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis –SC, N°02, p. 10-24, jun/2006.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RICHAUDEAU F. *Conception et production des manuels scolaires*: guide pratique. Paris: Unesco, 1979. apud, Nascimento, 2002.

ROJO, Roxane. Série TV Brasil. Materiais didáticas escolhas e usos. **Boletim**. 14 / agosto de 2005.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim, **Reinventando o Ensino da Geografia** In: Geografia em Perspectiva. Editora contexto, São Paulo, 2009.

VESENTINI, José William et al. **Geografia e Ensino Textos Críticos**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ática, 1992.